

A CHARGE NAS TRAMAS DO DISCURSO HUMORÍSTICO

THE POLITICAL CARTOON IN THE HUMOROUS DISCOURSE LINES

Raíssa Regina Silva Coutinho¹

Erenildo João Carlos²

RESUMO

A cultura visual é um campo amplo de possibilidades de pesquisas e práticas em educação, uma vez que inúmeros artefatos visuais protagonizam esse cenário, assim como variados domínios do conhecimento são acionados para compreendê-la. Particularmente, a charge, como um desses artefatos, apresenta uma forma específica de representar o mundo e tem como uns de seus principais elementos constitutivos o humor e a sátira. Conforme as fontes consultadas, o referido artefato da cultura visual é uma estratégia para representar, criticamente, determinadas facetas da realidade e suas problemáticas situadas em tempo e lugar definidos. No presente artigo, compreende-se a existência da charge, no âmbito do discurso, como um conjunto de coisas escritas que a acentuam como um acontecimento. Ao compreender a existência enunciativa da charge, o presente artigo consiste em enfatizar o discurso humorístico, com o intuito de explicitar suas especificidades como humor gráfico. Para tanto, utiliza-se a Análise Arqueológica do Discurso de Michael Foucault (2012), para escavar o terreno discursivo materializado em livros e produções acadêmicas. Em suma, o presente artigo aborda o conjunto de coisas escritas acerca da charge sob a ordem do discurso humorístico.

Palavras-chave: Discurso. Discurso humorístico. Charge.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao longo de nossas vidas, vemos inúmeros e diferentes artefatos visuais que captam nossos olhares em suas cores, traços, formas, movimentos... Tais artefatos apresentam especificidades que os diferenciam e os tornam particulares. Além disso, explicitam formas variadas de representar o mundo e o indivíduo. Assim, não é por acaso que elas aparecem no nosso campo de visão. Há uma deliberação, sistematização e intencionalidade.

Como exemplo dessa multiplicidade de artefatos visuais, temos: a fotografia, o cinema, a xilogravura, o *cartoon*, as tirinhas e a charge. Tais artefatos devem ser objeto de problematização e reflexão, uma vez que são registros que

¹ Pedagoga; Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPB, Brasil. E-mail: coutinho_raissa@hotmail.com.

² Pedagogo; Doutor em Educação e prof. da Pós-graduação e Graduação do Centro de Educação da UFPB, Brasil. E-mail: erenildojc@hotmail.com.

muito têm a dizer acerca da humanidade e suas estratégias de “plasmar a vida em imagens”. A compreensão das linguagens visuais deve surgir norteadas pela necessidade de viabilizar a criticidade do ver e de compreender tais imagens no que tange às necessidades do sujeito intérprete e suas visões sobre a realidade de modo crítico.

O presente estudo busca compreender a charge como um desses artefatos visuais que captam os olhares dos sujeitos. De acordo com os escritos consultados, a charge é compreendida como uma forma de representar a realidade de modo crítico por meio da estratégia do humor. Além disso, tal artefato apresenta uma hibridez quanto à linguagem, porquanto articula a linguagem visual à linguagem verbal. Vale salientar que o campo de estudos da cultura visual engloba todos os artefatos que apresentam elementos visuais em sua constituição e reconhece a existência de outras formas de linguagem.

Nesse sentido, um conjunto de coisas escritas é posto em circulação, com o intuito de explicitar e compreender a existência dos artefatos visuais, que apresentam regularidades que contribuem para o processo de desvelamento das especificidades do artefato. Tais escritos se materializam em livros e produções acadêmicas. Assim sendo, o presente estudo compreende tais escritos como discurso, reproduzidos sob determinada ordem.

Ao compreender a charge no âmbito do discurso, delimita-se no presente estudo a análise do discurso humorístico, porque a referida ordem discursiva põe em circulação um conjunto de coisas escritas acerca das especificidades da charge. Portanto, é preciso compreender algumas questões: Quais as especificidades do discurso humorístico da charge? Quais as regras empreendidas pela ordem do discurso humorístico? Quais as articulações de signos realizadas para explicitar o discurso tal como ele se apresenta?

Este estudo tem como objetivo geral investigar o discurso do uso pedagógico da charge. Para isso, foram elencados os seguintes objetivos específicos: viabilizar a revisão da literatura; identificar as fontes bibliográficas sobre a temática; mapear os enunciados sobre o uso pedagógico da charge; sistematizar a ordem do discurso a partir dos dados coletados e analisar e descrever o discurso para explicitar as especificidades e as contribuições do uso pedagógico da charge.

De cunho qualitativo, este estudo será empreendido por meio da Análise Arqueológica do Discurso (AAD) proposta por Michel Foucault (2012), tendo como fonte os estudos bibliográficos a respeito do assunto. Assim, o conjunto de coisas escritas será analisado e descrito em seu nível de existência para desvelar o objeto da pesquisa.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos básicos da pesquisa com referência na AAD são: mapeamento, escavações e análise descritiva. No mapeamento, a partir da escolha das fontes primárias, são identificadas e escolhidas outras fontes, as secundárias, porque, na fonte primária, evidenciam-se referências a outros textos acadêmicos, livros, produções audiovisuais, charges, planejamentos, e assim por diante. Nesse momento, inicia-se o mapeamento dessa diversidade documental relativa ao enunciado da pesquisa. Algumas vezes, é necessário estabelecer delimitações de ordem temporal, espacial, conceitual ou de gênero documental.

De modo geral, o que prevalece é a relação que os documentos têm com o enunciado que se investiga. Em outras palavras, a delimitação do mapeamento se define pelos documentos que contribuem para a compreensão do objeto de pesquisa.

O segundo momento é o das escavações, em que se realiza a leitura sistemática de todo o material mapeado, tanto das fontes primárias quanto das secundárias. Inicia-se pela primeira fonte selecionada compreendida como ponto de partida. Por conseguinte, a leitura continua conforme a delimitação do mapeamento, que pressupõe que nem tudo que está posto deve ser considerado, visto que, apesar de a fonte ter uma relação com o enunciado, nem tudo o que é escrito responde ao problema da pesquisa. Busca-se, nesse processo, a existência do enunciado investigado em meio à desordem do conjunto de coisas escritas.

Por fim, a análise e a descrição aparecem na AAD de modo diferenciado em relação às demais pesquisas, porque a análise aparece antes da descrição. O produto final da AAD é a descrição, porquanto se explicitam, de modo sistematizado, as ordens do discurso escavado em suas especificidades. É o momento de expor os enunciados que, mesmo presentes no discurso, não estavam tão visíveis. Isso porque é necessário identificar as regularidades e as dispersões presentes; as regras empreendidas para que as coisas sejam escritas como se apresentam; compreender as articulações estabelecidas pelos signos; identificar os domínios do conhecimento; enfim, encontrar a ordem do discurso investigado. Finalmente, descrevem-se todos esses aspectos de modo organizado e de acordo com o próprio nível de existência do enunciado.

O discurso, como uma das categorias utilizadas da AAD, não se restringe ao mero jogo de palavras, porque é compreendido como “um conjunto de enunciados que se apoia em uma mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 2012, p.131). Em outras palavras, esse discurso é constituído por conjunto de signos, compreendidos como enunciados que apresentam determinados níveis de existência. Vale salientar que o signo compõe o discurso, mas nem todo signo é discursivo. Nesse caso, não se confunde tal signo como elemento de uma língua, posto que uma série de signos passa a ser enunciado quando se tem “com ‘outra coisa’ uma relação específica que se refira a ela mesma – e não à sua causa, nem a seus elementos” (FOUCAULT, p.107). Ou seja, desde que tenha o referente, dada essa forma de relação singular entre o enunciado e o que se enuncia, se tem o signo discursivo.

Outra categoria que será utilizada da AAD é o enunciado, que, de acordo com Foucault (2012), compreende-se como modalidade de existência própria de conjunto de signos. O enunciado não deve ser confundido com a frase, a proposição ou o ato de fala. São categorias distintas e que apresentam particularidades que as diferem de outras. O enunciado está para o discurso como a frase está para a gramática, como a proposição está para a lógica, como o ato de fala está para a “análise”. Por sua vez, a categoria formação discursiva compreende-se, segundo Foucault, como

[...] um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que essa se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Definir em sua

individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática. (FOUCAULT, 2012, p.82)

O *corpus* da pesquisa são livros, dissertações e artigos on-line ou impresso sobre a temática abordada. Nas escavações sobre a charge, as fontes primárias são: Albuquerque e Oliveira (2008), Melo (2004), Pires (2010), Santos (2010) e Silva (2008).

Em síntese, desvelar o enredo do discurso humorístico da charge, a partir das escavações enunciativas do *corpus* da pesquisa, não é elucidar algo que se encontra oculto, tampouco, na interpretação das coisas escritas. Na verdade, apesar de as coisas escritas não se encontrarem tão visíveis em suas articulações, são percebidas através de uma análise rigorosa de seus enunciados em seu nível de existência. Em seguida, são descritos, de modo a explicitar a constituição de um discurso particular.

ENTRE A CRÍTICA E O RISO: A CHARGE NAS TRAMAS DO DISCURSO HUMORÍSTICO

O conjunto de coisas escritas suscita relações entre signos que contribuem para que possamos explicitar e descrever o modo de existência da charge permeabilizada pela ordem do discurso humorístico, em que se destacam os seguintes signos: humor, riso e popular. Por meio desses signos, várias afirmações emergem e desvelam a charge como representação humorística.

Sob o signo humor, o discurso humorístico apresenta o aspecto crítico do humor, bem como suas estratégias para despertar surpreender o sujeito e despertar o riso. Sob o signo popular, o caráter social e informal da charge aparece como expressão popular. A partir de uma relação de antagonismo, o discurso humorístico explicita um cenário de lutas entre as elites e as camadas populares, sendo que a charge é um instrumento revelador e desmistificador de discursos e práticas estabelecidas. Sob o signo riso, o discurso humorístico expressa o efeito provocado pela compreensão da charge em suas articulações sógnicas. O riso aparece nesse cenário como a fuga de algo doloroso e destrutivo, e o ato de rir, como uma forma de superar tais sentimentos. Além disso, o riso está atrelado a uma série de elementos simbólicos que difundem vários elementos morais.

SOB O SIGNO HUMOR

Melo (2004, p.73) assinala a necessidade de haver uma distinção no humor, pois nem todo humor “pretende atingir o governo, questionar a sociedade ou atingir os poderosos”. Sendo assim, apresenta-se a existência do “humor crítico” e “humor banal”. Desse modo, a charge ao configurar-se como humor crítico está ligada à “arte de fazer rir”, mas seu compromisso é “muito maior com a verdade das coisas do que com o riso” (MELO, 2004, p. 58).

O riso aparece em segundo plano, pois o intuito de abordar a veracidade dos acontecimentos apresenta uma proporção ainda maior na função social da representação humorística atrelada às questões políticas e sociais. Pires (2010, p.

61), baseado na análise das charges de Ângelo Agostini no domínio da História, correlacionada a Bakhtin, apresenta que a ordem do discurso humorístico busca “pôr em evidência tais questões e discuti-las de uma forma, no mínimo, inusitada, mas essencialmente crítica” (PIRES, p. 61).

Sobre o signo humor, Silva (2008, p.14) entende que “o sucesso de um texto humorístico reside na intensidade com que surpreende o seu expectador”. Assim, correlaciona-se com Kant, que conceituou essa surpresa como “expectativa frustrada”. Já Melo (2004, p.72) enuncia que o humor “tem origem no desnudamento de uma imperfeição física ou do caráter humano que se manifesta de uma forma inesperada”. Nesse sentido, os signos “surpresa”, “expectativa frustrada” e “inesperado” se articulam no jogo entre a potencialidade do texto humorístico e o que o sujeito espera dele.

Silva (2008, p.46) aponta que o “humor obtém prazer dos afetos dolorosos. Esse prazer ocupa o lugar desses afetos, como uma superação, uma vitória sobre esses sentimentos que, naturalmente, causariam dor”. O signo “humor” apresenta uma relação com o signo “dor”, e o signo “prazer” aparece como um produto dessa relação. O prazer relaciona-se com os signos “superação” e “vitória”, uma vez que transita da dor para o prazer.

SOBRE O SIGNO POPULAR

A análise das charges contida em Pires (2010, p.58), sob o domínio da História, permite estabelecer algumas considerações sobre a ordem do discurso humorística. Esse autor assinala que, na charge, há

[...] uma integração entre a vida cotidiana do homem comum e os fatos que vinham se desenvolvendo na cena local e nacional. Essa integração foi garantida através do recurso a uma linguagem popularizada, em que foram aproveitadas expressões pertencentes à fala cotidiana, em sua maioria contrastante com a linguagem erudita, que proporcionaram ao discurso humorístico um caráter vivo, animado. (PIRES, 2010, p.58)

Aqui, a relevância é conferida ao caráter social da linguagem, viabiliza o estabelecimento da relação com a fala cotidiana do homem comum e legitima a charge como uma forma de expressão popular. Dessa forma, contrapõe-se ao erudito e ao seu formalismo. Ao utilizar determinada linguagem, a charge apresenta determinada posição do sujeito em meio aos personagens retratados. Ora, a posição de sujeito é a do homem comum, pertencente às camadas populares, e que utiliza uma linguagem popular.

Nos escritos de Pires (2010, p.58), identificam-se essa fuga do erudito, a “proximidade com o popular” ou o “informal” e o desvelamento de alguns “conceitos, temas e valores defendidos e constituídos pelas elites dominantes”, que suscitam uma “legitimidade” diante das “camadas populares que tentam representar”. Evidenciam-se a proposta crítica e a defesa popular da charge a partir da relação que tais signos presentes nos discursos apontam no decorrer dessa camada enunciativa. Além disso, o humorista apresenta um “rebaixamento de certas atitudes e práticas das elites políticas, proporcionando, ainda, uma leitura diferenciada sobre o contexto sócio-político” (PIRES, 2010, p. 59). O signo

“rebaixamento” relacionado ao signo “elites políticas” mostra o processo dessacralizador das atitudes e das práticas desses grupos.

Os escritos de Bakhtin (1993), como um correlato presente nas afirmações de Albuquerque e Oliveira (2008, p.4) sobre o humor, também apresentam esse caráter não oficial e popular:

Numa sociedade estratificada, com papéis e posições tão claramente estabelecidos, a hierarquia, o poder e a ordem são recorrentes. Antes, sem tal estrutura, os elementos cômicos, presentes em rituais sérios, eram considerados tão divinos quanto a celebração a que serviam. Com o surgimento de uma nova organização social, aqueles elementos foram re-apropriados para dar conta de suprir as dificuldades do povo com o novo modelo as formas cômicas [...] adquirem um caráter não-oficial, seu sentido modifica-se, elas complicam-se e aprofundam-se, para transformarem-se finalmente nas formas fundamentais de expressão da sensação popular no mundo, da cultura popular. (ALBUQUERQUE; OLIVEIRA, 2008, p. 4)

Albuquerque e Oliveira (2008, p.4) asseveram que, na charge, o papel do humor “é de questionar o poder interruptamente, por isso ela é altamente revolucionária. Quando Chaplin fazia de bobo um guarda de rua, em seus filmes, sabia que ridicularizar o poder descontra o ser humano e o faz rir”. Logo, o humor contrapõe regras sociais, questionando-as, ao mesmo tempo em que descontra a sociedade. O enunciado “ridicularizar o poder” suscita a relação antagônica entre a elite e o povo. Além disso, a charge é considerada “altamente revolucionária” por explicitar essa relação e intentar questionar o poder.

Está posto em Bergson (1983, p.73) que “nos movemos entre generalidades e símbolos, como num campo fechado no qual nossa força se confronta utilmente com outras forças”. Assim, o discurso humorístico, por meio de generalidades e de símbolos que contribuem para configurar determinado contexto, evidencia um espaço de confronto articulado por forças que se opõem. De um lado, “nossa força”, e de outro, “outras forças”. Assim explicitados, os signos expressam forças opostas por meio do antagonismo.

Tal afirmativa se confirma mais uma vez, quando Pires (2010, p. 61) apresenta que a charge: “é dotada de uma lógica particular que entra em confronto com os valores e a ordem defendidos pela elite dominante a partir da experiência popular cotidiana”. Há uma relação antagônica presente no discurso - de um lado, as elites, do outro, as camadas populares. Dessa forma, a charge, em meio a esse confronto, posiciona-se atrelada às demandas populares e comprometida com elas.

SOB O SIGNO RISO

Os escritos de Albuquerque e de Oliveira (2008, p.5) suscitam que o riso se transfigurou em “facetas expressivas e contrastantes da cultura popular”. O risível desliza “sob o escapismo e explicita a fuga situacional do fato ao protestar e ser constituinte de um processo irônico”. O discurso aponta que o riso relaciona-se à cultura de um grupo, ou seja, dos grupos populares. O signo riso é

suscitado como uma forma de “fuga” do sofrimento existente na situação real que se represente, conforme explicitam as séries enunciativas.

Nos escritos de Pires (2010, p. 61-62), ele refere que “o riso sobre o sofrimento popular não significou apenas uma forma de ‘esquecimento do sofrimento’, mas de reconhecimento das mazelas que geram as dores da população, ou seja, significou um despertar crítico para a dor”. Portanto, além do “escapismo”, a estratégia que se explicita através do riso é possibilitar o processo de reconhecimento das “mazelas” que ocasionam esse sofrimento.

Melo (2004), correlacionado a Aristóteles (1993, p.73), enuncia que “o aspecto ridículo das coisas provoca o riso”, uma vez que se contrapõe ao caráter “doloroso” ou “destrutivo”. Dessa forma, o signo “ridículo” aparece com a função de explicitar uma descaracterização das coisas, destacando o aspecto ridículo como estratégia para minimizar os aspectos “dolorosos” ou “destrutivos” para que se possa evidenciar nessa conexão o signo “riso”.

É a “justaposição exercida entre contexto e personagens reais e imaginários que produz o efeito humorístico” e estabelece “uma identificação entre os leitores e os quadros retratados pelos desenhos” (PIRES, 2010, p.20). Assim, o despertar do riso do sujeito apresentado no discurso correlaciona-se com a articulação entre os signos-personagens e o contexto. A “identificação” aponta a relação de aproximação entre a representação e o sujeito que a lê.

Santos, correlacionado ao domínio da Filosofia, com base em Bergson (1983), chama a atenção para “o caráter sociocultural do humor”, pois afirma que, “quando rimos, todo um grupo ri também, uma vez que fazemos parte desse grupo” (SANTOS, 2010, p. 2762). Bergson (1983, p. 94) assinala que “não desfrutaríamos do cômico se nos sentíssemos isolados. O riso parece precisar de eco [...]. O riso é sempre o riso de um grupo”. O signo riso articula-se com o signo grupo para explicitar o caráter sociocultural do humor. O riso pertence a determinado grupo, assim também se explica seu aspecto coletivo.

É plausível afirmar que o grupo que ri não é o grupo alvo das críticas da charge. Como já foi afirmado, o humor de caráter crítico contrapõe-se àqueles que detêm o poder. Rntão, esse grupo, dificilmente, ecoará o riso.

Bergson (1983, p.37) concebe que “a repetição de uma expressão não é risível por si mesma. Ela só nos causa riso porque simboliza certo jogo especial de elementos morais, por sua vez símbolo de um jogo inteiramente material”. O riso descreve-se atrelado a uma série de elementos simbólicos que se configuram em determinado contexto e seus aspectos morais. Portanto, o riso é uma expressão significativa, e não, mecânica ou “risível por si mesma”.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

O processo de análise de discurso propicia, em meio às “escavações”, um processo de desvelamento acerca das especificidades de um conjunto de coisas escritas que circulam e afirmam certo acontecimento. Em particular, tratou-se da charge sob o discurso humorístico. Tal artefato tem variadas ordens do discurso que regem sua existência e compreensão. Uma dessas ordens do discurso é o humorístico. Ela apresenta a charge como uma forma específica de humor. O humor presente na charge se constitui de modo crítico, político e popular. Assim, distancia-se do humor banal e do erudito, porquanto sua intenção é de denunciar, alertar e conscientizar sobre uma problemática social.

Diante do exposto, tal análise e estudo conferem visibilidade à charge como um artefato visual particular e como ferramenta crítica que potencializa o olhar do sujeito diante da realidade. O discurso sobre a charge apresenta séries de signos que se configuram como enunciados, que nem sempre se encontram visíveis, mas, depois de analisados, são explicitados e apontam afirmações que viabilizam uma aproximação com o objeto visual.

Assim, é imprescindível desvelar os variados exemplos da cultura visual em suas especificidades e problematizá-las como um artefato que interfere no processo de compreensão sobre nós mesmos e sobre o mundo. Em um mundo visual, plasmado em imagens diversas, onde vemos e somos vistos, exige-se de nós determinada competência para acionar os conhecimentos e as ferramentas necessárias para visualizar atenta e criticamente. Tal compreensão deve partir tanto da visualização da imagem quanto do que se diz sobre ela. Ao desvelar esses dois domínios, dinamizamos e potencializamos nossa interação com o cenário visual e seus objetos.

ABSTRACT

Visual culture is a broad field of research possibilities and practices in education since many visual artifacts star in this scenario, as well as various fields of knowledge are necessary to understand it. Particularly, the political cartoon, as a visual artifact, has a specific way of representing the world and has humor and satire both as its main constituent parts. According to the sources consulted the political cartoon is a strategy to represent critically certain aspects of reality and their problems situated in a specific time and place. In this paper, we understand the existence of political cartoon within the discourse as a set of wrote things that evidence an event. By understanding the enunciative existence of the political cartoon, this article aims to emphasize the humorous discourse in order to clarify its specificities as “graphic humor”. To do so, we use the Archaeological Analysis of Discourse by Michael Foucault (2012) to evidence the discursive terrain materialized in books and academic productions related. In short, this article discusses the set of things written about the political cartoon under the of the humorous discourse order.

Keywords: Discourse. Humorous Discourse. Political Cartoon.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Diego Luiz; OLIVEIRA, Thiago. A anatomia da charge numa perspectiva de revolução sócio-histórica. In: II Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação. 2008, Recife. *Anais...* Recife, UFPE, 2008. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/simpósio2008/anais/Diego-Luiz-Silva-Thiago-Azevedo-Oliveira.pdf>. Acesso em: 10 de set. 2013.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].

BAKHTIN, M.. Os Gêneros do Discurso. In: *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 279-336.

BERGSON, H. *O riso: ensaio obre a significação do cômico*. Trad. Nathanael C. Caixeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves, 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MELO, Francineide. *Entre o discurso e a ironia: "o pintar o sete e desenhar os ouros" no discurso humorístico*. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) - UFPB, João Pessoa.

PIRES, Maria Conceição. *Centenário do traço: o humor político de Ângelo Agostini na Revista Ilustrada (1876-1888)*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/Maria_Conceicao.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2013.

SANTOS, Juliana. Intertextualidade em charges: uma abordagem cognitivista. *Cadernos do CNLF*, v. XIV, n. 4, t. 3. 2010.

SILVA, Ivam. *Humor gráfico: o sorriso pensante e a formação do leitor*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRN, Natal.